

## **Copa de 1950: e o futebol se torna acontecimento midiático eletrônico<sup>1</sup>**

Mozahir Salomão Bruck<sup>2</sup>  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

### **Resumo**

Este artigo apresenta reflexão sobre como a realização da Copa do Mundo no Brasil, em 1950, parece ter se estabelecido como um marco para a midiática eletrônica do futebol no País. Pode-se afirmar que o futebol, no Brasil, a partir da Copa de 1950, transformou-se de evento essencialmente social em evento midiático, na perspectiva de Elihu Katz (1993). Teria sido, assim, a Copa do Mundo um marco importante da midiática eletrônica e massiva do futebol. Afinal, pela primeira vez um evento em terras brasileiras agendava a atenção nacional e internacional. Além disso, o desejo de acompanhar de perto todos os passos da seleção brasileira (deslocamentos, treinos, detalhes da preparação etc.) e os jogos e curiosidades das outras doze seleções participantes da Copa fizeram com que o País se ligasse ainda mais ao rádio.

**Palavras-chave:** rádio; copa de 1950; transmissões esportivas; acontecimentos midiáticos

### **Introdução**

Talvez nenhuma outra Copa do Mundo tenha marcado tão profundamente o torcedor brasileiro quanto a de 1950. Se as de 1958, 62 e 70 se fixaram na história do esporte brasileiro pelos seus gênios e, claro, pelas conquistas, as seleções de 1982 e 86 marcaram pelo seu futebol gracioso, mas pouco pragmático. Outras (1994 e 2002) ficaram na memória, digamos assim, mais pelo feito da conquista, excetuando-se, claro, a presença de craques como Ronaldo e Romário. O futebol brasileiro é o único pentacampeão do mundo e o único que participou de todas as edições da Copa, mas convive com a cicatriz da perda do campeonato que abriu a segunda metade do século XX e retomou a regularidade da disputa quadrienal das Copas – já então em meio ao avanço das comunicações e da profissionalização do futebol.

A experiência de sediar um evento esportivo internacional e o desejo de projetar o País – em um mundo que se de redenhava no pós-guerra – como nação relevante e vitoriosa mexia com o imaginário coletivo, mesmo que os passos rumo à urbanização e a industrialização tropeçassem em obstáculos, entre outros, como os elevados índices de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora no XII Encontro dos Grupos Pesquisas em comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Pesquisador do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC Minas.

analfabetismo e atividades econômicas preponderantemente primárias. Mas no contexto do otimismo desenvolvimentista da década de 50, a realização da Copa do Mundo selava efetivamente muitos desses sonhos e, definitivamente, ungia a vocação do Brasil como país do futebol. E os jogos da seleção brasileira no Maracanã, que reuniram, cada um, públicos superiores a 178 mil pessoas<sup>3</sup> foram apenas mais um elemento de comprovação desse novo Brasil progressista, moderno e agora também massivo.

### **O rádio em 1950**

Em 1950, com cerca de três décadas de implantação no País, e, na prática, com apenas duas décadas de efetivo ingresso de publicidade e sua estruturação como negócio, o rádio já se tornara para o brasileiro uma porta prioritária de acesso às informações do cotidiano, ao mundo da política e as notícias internacionais, especialmente os desdobramentos da 2ª Guerra Mundial. O rádio fazia parte da realidade cotidiana do brasileiro. Aliás, afirmando-se de outro modo, o rádio influenciava, em muito, na constituição de sua realidade.

Entre os anos de 1945 e 50, segundo dados da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, ocorreu um acelerado processo de crescimento do setor radiofônico.

Assiste-se ao surgimento novas emissoras de rádio, ao aperfeiçoamento dos equipamentos (inclusive por determinação legal) e a ampliação do número de estações de ondas curtas. Este novo quadro, que se configurou no início dos anos 1950, criou uma situação de favorecimento aos patrocinadores que possuíam um campo de atuação nacional. (Abert, 2004)

Fato é que o período pós-guerra registrou um importante desenvolvimento para o setor de rádio. Segundo dados do Anuário Estatístico do IBGE, o número de emissoras de rádio no País cresceu 93% entre os anos de 1947 até 1951, passando de 178 rádio para 345, sendo que São Paulo e Minas Gerais concentravam a metade das estações (eram 178 em 1947; 227 em 1948; em 1949, 253; 300 em 1950 e em 1951, já eram 345 emissoras espalhadas pelo País), algumas delas, como Nacional, Tupi, Record, entre outras, operando em Ondas Curtas e transmitindo para todo o Brasil,

---

<sup>3</sup> Alguns registros dão conta de que na partida final, contra o Uruguai, em 16 de julho de 1940, havia no Maracanã mais de 200 mil torcedores.

No final da década de 1940, o IBGE iniciou a coleta de dados específicos não apenas em relação à localização de emissoras por região, mas também informações sobre a própria programação das emissoras. Tal levantamento apresentava uma caracterização dos programas, os tipos de músicas mais executadas, o pessoal técnico empregado, entre inúmeras outras informações. Entre os anos de 1947-51, em mais de dois milhões de horas de programação pesquisadas pelo IBGE, mais de 1,3 milhão de horas eram dedicados à música e a programas musicais. A programação esportiva atingiu, no mesmo período, pouco mais de 90 mil horas, mas deve-se observar que se em 1947 foram cerca de 14 mil horas dedicadas à programação de esportes, já no ano de 1951 esse volume havia sido mais do que triplicado, atingindo 45 mil horas/ano.(ABERT,2004)

Pode-se afirmar que o futebol, no Brasil, a partir da Copa de 1950, transformou-se de evento essencialmente social em evento midiático. Teria sido, assim, a Copa do Mundo um marco importante da midiatização eletrônica e massiva do futebol. Afinal, pela primeira vez um evento em terras brasileiras agendava a atenção nacional e internacional. Além disso, o desejo de acompanhar de perto todos os passos da seleção brasileira (deslocamentos, treinos, detalhes da preparação etc.) e os jogos e curiosidades das outras doze seleções participantes da Copa fizeram com que o País se ligasse em tempo integral no rádio.

O rádio brasileiro já transmitia partidas de futebol desde 1931 (SOARES, 1994)<sup>4</sup> e nessas cerca de oito décadas de transmissão do esporte houve avanços importantes no que diz respeito a constituição de uma linguagem própria para as narrativas e o chamado radiojornalismo esportivo, bem como a constituição de um público historicamente fidelizado para esse tipo de programação.

Sobre a inserção do esporte na programação radiofônica, cabe lembrar, entre outros aspectos, que nas emissoras de rádio as equipes de transmissão esportiva, na prática, antecederam a outras como a do radiojornalismo. Além disso, o ramo do esporte logo se estabeleceu não apenas como um dos pontos fortes da audiência mas, inclusive por isso, como uma das portas principais de ingresso de receita financeira para as emissoras – fato que se consolidou nas últimas décadas e que ainda hoje prevalece.

### **Futebol como acontecimento midiático**

---

<sup>4</sup> O pioneirismo da transmissão de futebol é objeto de disputa, com muitas informações divergentes, sendo que algumas delas dão conta de transmissões ocorridas ainda na década de 1920.

O futebol passou a experimentar, na verdade, um processo que ele mesmo já vivenciava mais intensamente há pouco mais de uma década no Brasil, a exemplo de vários outros setores da vida coletiva: o entretenimento, a política, as grandes festas e eventos sociais: uma transformação em evento midiático. Katz (1993) ao definir o termo ‘acontecimento mediático’<sup>5</sup> elege quatro características principais: *i)* são transmitidos ao vivo e desenrolam-se na nossa frente; *ii)* são acontecimentos que são organizados e promovidos por outrem que não os *media*; *iii)* são geralmente carregados de grande drama e ritual e por isso mesmo mobilizam a comunidade e *iv)* há sempre a centralidade de uma personalidade, seja um herói ou um grupo, uma equipe.

O autor destaca que a característica mais importante dos acontecimentos midiáticos, no entanto, está em seu potencial mobilizador do público;

De facto, a característica principal dos acontecimentos mediáticos talvez seja a insistência comunitária em que uma pessoa deve abandonar outras funções e compromissos a favor da televisão. << Pare com tudo e junte-se a nós na construção da história >> é o tema constrangedor destes acontecimentos. Ver televisão é obrigatório, nada é mais importante. (KATZ, 1993, p. 54)

Os acontecimentos midiáticos se difeririam dos acontecimentos noticiosos em função de se estabelecerem, primeiramente, a partir de um agendamento (têm que ser planejados) e, mesmo no caso de eventos esportivos, de serem, em geral, uma celebração de resolução de um conflito, uma disputa. O autor assinala que essa característica está presente em situações como coberturas da política internacional (a guerra no Oriente Médio, quando da visita do Papa João Paulo II à Polônia), a morte de um Papa e nomeação de seu sucessor e até os jogos olímpicos e o campeonato mundial de futebol. Para Elihu Katz, os acontecimentos midiáticos devem ser pensados como << grandes dias de festa >> dos *media*, pois “têm um ar sagrado, um caráter referencial que difere tanto do mundo diário dos assuntos públicos, dos feriados que se seguem aos conflitos, como das meras quotidianas. É como se estivessem a dizer-nos algo sobre a nobreza do homem e a unidade da sociedade” (KATZ, 1993, p.55). Katz aponta três tipos de acontecimentos midiáticos: a missão heroica (viagem à Lua, a primeira ida do Papa a um país comunista etc.); a ocasião de estado, que, geralmente, marca o começo ou o fim de uma era – funerais de grandes estadistas como Churchill e Keneddy (ou de Tancredo Neves, aqui no Brasil) e que abrem

<sup>5</sup> A tradução do texto de Elihu Katz para a coletânea *Jornalismo: questões, teorias e estórias* optou pelo uso da grafia ‘mediáticos’, mas neste texto, usamos o termo ‘midiático’, para restringir seu uso à noção de ‘veiculação pela mídia’.

um espaço de incerteza em relação ao futuro e o terceiro, que diretamente nos interessa, é a competição, cuja confrontação tem um significado simbólico, quando as ‘rivalidades tradicionais são postas em prática perante audiências de centenas de milhões, mas estas rivalidades estão sujeitas a regras partilhadas e obrigatórias’. (KATZ, 1993, p. 56).

A transmissão em directo de um acontecimento modela o acontecimento na produção e na narração, e desperta a emoção. Isso é mais que certo. Mas que diferença isso faz? Primeiro que tudo, como se tem defendido desde o início, cria um sentido de ocasião. As pessoas sentem-se não só a si próprias, mas também o outro, bem como a união da sociedade, da nação e do mundo. Identificam-se com os heróis, e comemoram os seus feitos. [...] Assim, o acontecimento mediático fornece um centro de interesse na expressão da emoção. (KATZ, 1993, p. 59)

Katz entende que o acontecimento midiático fornece um centro de interesse seja nas situações de dor, seja na euforia ou na expressão do maravilhoso ou mesmo um interesse no sentimento de lealdade e união, como quando dos eventos esportivos internacionais, como a Copa do Mundo. “A emocionalidade dos acontecimentos mediáticos é provavelmente o seu feito principal’.” (KATZ, 1993, p. 59).

Refletir sobre acontecimentos midiáticos, a partir da noção de Elihu Katz, certamente contribui para que se possa pensar não apenas os efeitos dos acontecimentos midiáticos sobre os *media*, mas também nos impactos que os *media* podem ter nos próprios acontecimentos e nas vastas audiências que lhes assistem. Mesmo por que, não se pode desconhecer que mesmo que acontecimentos como uma Copa do Mundo tenha sua organização e realização fora do universo midiático, eles são, na prática, moldados, em parte, pelos próprios veículos de comunicação – e cada vez tem sido mais assim. Como rápido exemplo, podemos citar os horários dos jogos de futebol nos campeonatos regionais e nacionais que são definidos em função do horário da programação da televisão, por mais que o torcedor reclame, por exemplo, dos jogos, durante a semana de trabalho, comecem por volta das dez da noite, impondo mais sacrifícios ainda aos que têm desejo de ir ao estádio de futebol.

### **A Copa de 1950**

Entre outras lições possíveis, o torcedor brasileiro parece ter aprendido, daquela tarde de domingo de Maracanã superlotado, e em que se esperava até um largo placar a favor dos brasileiros contra os uruguaios, que jogo e campeonato só se ganham depois do

apito final do juiz. Mas na Copa de 1950 não se entendia bem assim. Na véspera da última partida da Copa, que não foi exatamente uma ‘final’<sup>6</sup> de Copa do Mundo, as emissoras de rádio e jornais aludiam a seleção como a campeã do mundo. Os jogadores já eram chamados de heróis nacionais e ‘deuses’ do futebol. A concentração dos jogadores assistiu um desfile interminável de políticos, jornalistas, modelos, empresários e todo tipo de gente que nada, diretamente, tinha a ver com a partida. Do céu ao inferno, no futebol, 90 minutos mudam a vida. Tinha tudo para dar certo. Não deu. A derrota para o Uruguai abriu uma ferida que deixou profunda cicatriz e que é sempre lembrada quando as duas seleções voltam a se enfrentar, mesmo em jogos amistosos.

Não fosse o conflito mundial de 1939-45, o Brasil já teria sediado antes uma Copa. O País já pleiteara realizar um campeonato mundial, logo depois da Copa da França, em 1938. Mas com a 2ª Guerra, o torneio teve sua realização suspensa e tão logo o conflito se encerrou, ficou definido, já em 1946, que a IV Copa do Mundo aconteceria no Brasil e a seguinte, na Suíça, pois ambos os países não tinham sido internamente atingidos pela guerra.

Treze seleções participaram da Copa de 1950: Bolívia, Brasil, Chile, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, Itália, Iugoslávia, México, Suécia, Suíça, Paraguai e Uruguai. A Argentina, que também participaria da disputa, optou por não vir ao Brasil em protesto pelo fato de que também ela desejava promover a Copa do Mundo. Na primeira fase do torneio, o Brasil venceu dois jogos (4x0 sobre o México e 2x0 sobre a Iugoslávia) e empatou um (2x2 com a Suíça). Já na fase final, a seleção brasileira aplicou duas grandes goleadas (7x1 na Suécia e 6x1 na Espanha) que, definitivamente, deram à torcida e a crônica esportiva brasileiras a confiança e a certeza do título. No dia do grande jogo, ao microfone da Pan-Americana de São Paulo, Leônidas da Silva, que havia sido artilheiro das copas de 1934 e 38 (e que muita gente ainda julgava que poderia estar no escrete brasileiro), falava de sua surpresa diante do tamanho da festa e do próprio Maracanã:

Isso é um espetáculo para mim inédito. Conheci vários estádios no mundo e ainda não presenciei o que estou presenciando aqui. É uma coisa que comove a qualquer cidadão. Por mais indiferente que seja ao esporte, o

---

<sup>6</sup> Para a Copa de 1950, a fórmula da disputa adotada gerou polêmica, pois não houve fases classificatórias. As treze seleções foram divididas em quatro grupos e os primeiros colocados de cada grupo disputaram um quadrangular final. Ou seja, foi pura coincidência Brasil e Uruguai chegarem ao última partida da Copa em condições de serem campeões. Portanto, não houve uma ‘final’ de Copa do Mundo.

sujeito se sente neste momento mais brasileiro do que nunca.  
(PERDIGÃO, 1986, p. 81)

### **O rádio e a Copa de 1950**

Não é possível afirmar com precisão quantas e exatamente quais emissoras brasileiras participaram efetivamente da transmissão dos jogos da Copa de 50. Os registros acerca dessas transmissões, seja em nível nacional ou nas partidas transmitidas, eventualmente, por emissoras regionais, localizadas nas cidades-sede (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba e Recife), não são detalhados. Pode-se afirmar, com certeza, no entanto, que algumas emissoras que já possuíam sinal de longa distância fizeram as emoções dos jogos chegar aos ouvintes espalhados por todo o País. Os locutores da Rádio Nacional (Jorge Curi e Antônio Cordeiro), Rádio Tupi (Ari Barroso), Continental (Galeano Neto e Valdir Amaral), Rádio Globo (Luis Mendes). Além desses, Edson Leite, Pedro Luiz (Pan-Americana) e Rebelo Júnior, de São Paulo.

O jornalista Teixeira Heizer<sup>7</sup>, autor do livro Maracanaço (2010), afirma que na Copa de 1950, no recém-inaugurado Maracanã, as condições técnicas para o trabalho dos radialistas eram extremamente precárias. Segundo ele, não havia muitas linhas de transmissão disponíveis para as emissoras e algumas delas acabaram prejudicadas em seu trabalho. As cabines de transmissão tinham um tamanho muito pequeno e os chamados ‘repórteres de fundo’ (que ficavam atrás do gol) também enfrentavam muitas dificuldades devido ao grande volume de fios, muitos deles embolados, cortando a lateral do campo que dificultava o acesso aos jogadores e ao gramado. Heizer lembra que a Rádio Continental, onde atuou profissionalmente, usou nas transmissões da Copa aparelhos portáteis de transmissão sem fio (PTTs), que a emissora trouxe do nordeste do País e que lá haviam sido deixados pelos norte-americanos depois da 2ª guerra mundial. No entendimento de Heizer, a realização da Copa do Mundo no Brasil foi de grande importância para o rádio, especialmente para a programação esportiva nas emissoras brasileiras.

Emissoras que até então praticamente não davam atenção ao esporte, passaram a cobri-lo e naquelas emissoras que já faziam esse tipo de transmissão, houve, a partir da Copa, uma melhor qualificação para as coberturas de jogos e mesmo certo refinamento para a programação esportiva. (HEIZER, 2012)

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida ao autor em 27/02/2012

A Copa do Mundo aconteceu no Brasil em meio à chamada época de ouro da radiodifusão brasileira – entre meados das décadas de 1940 e 1950. Nesse período, o rádio viveu sua fase de glamorização de artistas e de investimentos que cresciam em função das oportunidades que, cada vez mais, os empresários percebiam nele como negócio. O mundo do entretenimento – radioatores, atrizes, cantores, compositores e apresentadores de programas – já havia conhecido o estrelato em função da fama proporcionada pelas ondas sonoras – chegara a vez do futebol. Até por que o *casting* artístico não ficou alheio ao Mundial. Foram inúmeras as marchinhas e sambas – todos ufanistas – que, previamente, comemoravam a conquista do título e que já bem antes do início da Copa e durante toda a disputa do campeonato eram reiteradamente tocadas nos programas radiofônicos.

A marchinha abaixo, composta por Ary Barroso e gravada por Linda Batista, traduzia bem o otimismo e a confiança na vitória:

O Brasil há de ganhar, ê, ê...  
Para se glorificar, ê, ê...  
Solta a pelota no gramado  
Solta para o selecionado  
Deixa a moçada se espalhar, ê,ê,ê,ê...

Já o samba a seguir, que foi gravado e executado exaustivamente antes da partida final contra o Uruguai, embalava e animava os torcedores:

Oba, oba, ai, ai, ai...  
viemos no Maracanã  
Oba, oba, ai, ai...  
viemos no Maracanã  
Porque chegou o grande dia  
Pra turma jogar prá ser campeã  
Porque chegou o grande dia  
Pra turma jogar prá ser campeã

O trauma deixado pelo chamado ‘maracanaço’<sup>8</sup> é resultado de muitas e fortes motivações, sendo que a grande decepção da história do esporte nacional se deu sob o olhar de mais de 200 mil pessoas presentes ao Maracanã e sob a escuta de milhões e milhões de brasileiros. A Copa do Mundo de 1950 foi, para o futebol brasileiro, o batismo de sangue da era midiática. Senão, vejamos: *i*) foi a primeira copa do Mundo realizada no Brasil; *ii*) foi a primeira Copa do Mundo depois do redesenho do mundo após a 2ª Guerra; *iii*) a euforia tomava conta do País que sonhava com a conquista; *iv*) a primeira Copa do Mundo disputada na efervescência da mídia eletrônica, então verdadeiramente massiva e sob a novidade da chegada da televisão; *v*) a primeira Copa do Mundo em que o Brasil teve claras

---

<sup>8</sup> O termo foi adotado como referência à derrota do Brasil para o Uruguai por 2x1, em pelo Maracanã, na última partida que decidiu a Copa do Mundo de 1950. Cerca de 200 mil pessoas assistiram ao jogo, que passou a ser considerado o pior revés do futebol brasileiro

condições de tornar-se, também pela primeira vez, campeão do mundo de futebol.

A Rádio Nacional, então a emissora mais conhecida e ouvida em todo o País, deu atenção mais do que especial à cobertura de todos os acontecimentos da Copa do mundo, e, claro, às transmissões dos jogos. A dupla titular de narradores da Rádio Nacional era composta por Jorge Curi e Antônio Cordeiro (a narração do jogo era dividida entre os dois locutores pelas duas metades do campo, o chamado sistema duplo). No dia 16 de julho, ambos faziam a transmissão da final entre Brasil e Uruguai. Com um estilo descritivo, claro e direto – próprios da locução esportiva à época<sup>9</sup> - Curi já mencionava a entrega e dedicação do time uruguaio, em especial do capitão da seleção, Obdulio Varela. Em um dos lances da partida, ainda no início do jogo, Jorge Curi destacava que o jogador uruguaio tentava controlar tudo, e reclamava até dos próprios companheiros: “Agora Obdulio reclama de Julio Perez... Como reclama o capitão uruguaio. O público já tomou conta de Obdulio, porque ele reclama de tudo – do juiz, do adversário e agora dos companheiros”. (PERDIGÃO,1986).

Além de Curi e Cordeiro, na narração, a transmissão contava com César de Alencar como repórter de campo. César de Alencar ficou posicionado bem atrás do gol do Uruguai, esperando os ‘gols’ brasileiros. O primeiro tempo da partida terminou em zero a zero. Já no segundo tempo, o Brasil marcou logo no primeiro minuto, com um gol de Friaça. O Brasil praticamente colocava as mãos na taça, já que apenas um empate lhe bastava para ser campeão. Aos 20 minutos de jogo, Schiaffino empatou para o Uruguai. O lotadíssimo Maracanã assustou-se, mas o resultado ainda era favorável ao Brasil. O pior, mesmo, veio a seguir, com a virada uruguaia, aos 33 minutos. Jorge Curi narrou assim o gol que deu a vitória e o campeonato mundial aos uruguaiois:

Rádio Nacional do Rio de Janeiro, Brasil, diretamente do Estádio Mendes de Moraes, no Rio de Janeiro, transmitindo a finalíssima da Copa do Mundo. Cobrou agora Juvenal, direto sobre a área. Salta Chico, não alcança a bola. Danilo perdeu para Julio Perez, que entregou para imediatamente na direção de Miguez. Miguez devolveu para Julio Perez que está lutando contra Jair. Ainda dentro do campo uruguaio deu para Giggia. Giggia devolveu a Julio Perez que dá em profundidade ao ponteiro direito. Corre Giggia, aproxima-se do gol do Brasil e atira. Gol!!! Gol

<sup>9</sup> A locução esportiva radiofônica até o início dos anos 1950 tinha característica fortemente descritiva, denominada por alguns autores de Escola Denotativa (SOARES,1994). Os lances eram narrados priorizando o detalhamento da ‘cena’, sem a preocupação que tanto futuramente viria a marcar as transmissões esportivas da busca da emoção e envolvimento do torcedor e, também, ainda, sem o recheio intenso de metáforas, hipérbolos e metonímias (ABREU, 1988) que caracterizariam a chamada Escola Conotativa. A audição das transmissões dos jogos da Copa de 1958 e tantas outras partidas de futebol do final da década de 1950 e início da década de 1960 aponta para a interessante de que, naquela época, as bases da narração esportiva contemporânea já estavam lançadas: uma locução envolvente, rápida, menos descritiva e mais empolgante e o gol, antes apontado de modo conciso e sem estardalhaço, passou a ganhar um grito alongado e emocionadíssimo. Mas este é um assunto para outro artigo.

do Uruguai!!! Giggia – segundo gol do Uruguai!!! Dois a um, ganha o Uruguai. (BBC Brasil, 1982).<sup>10</sup>

Entre as várias explicações para o fracasso brasileiro, uma entrou para a história tendo como o ‘alcoz’ da tragédia de 1950 o goleiro Barbosa. Barbosa foi responsabilizado pela torcida, por muitos jornalistas e até por colegas de seleção, como o próprio zagueiro Juvenal que, em inúmeras entrevistas dissera que nenhum goleiro de seleção podia ‘tomar um gol como aquele’. Gol que recebeu de Néelson Rodrigues a qualificação de ‘frango eterno’.

O entendimento de que, mesmo com uma trajetória ainda bem curta, o rádio brasileiro já constituía, em todos os sentidos, uma competência discursiva e de autonomia em termos de linguagem pode ser sustentado na transcrição abaixo, de um verdadeiro discurso feito pelo radialista Pedro Luiz, também da Rádio Pan-Americana, tão logo a partida foi encerrada:

[...] Parece mentira o que estamos vendo. Quando tudo era favorável, quando tudo estava do nosso lado, quando o nosso time acertou, quando exibiu um futebol para todo o mundo no Maracanã, quando ninguém no mundo tinha dúvida da vitória, eis que o Uruguai, lutando com fibra, lutando com denodo, lutando com confiança, levanta o título, tira à última hora do Brasil o título do campeão do mundo de 1950. Depois de uma festa grandiosa e espetacular, que chamou a atenção de todos os brasileiros para o Maracanã, a nossa equipe não acerta sua partida, não acerta o ritmo de seu jogo. Vence a meta do Uruguai. Parecia aberto o caminho da vitória. Cede o empate. E depois pressiona o Uruguai, desempata a partida. Nós pressionamos, lutamos, caímos em campo, e não conseguimos. São coisas do futebol. Os uruguaios mereceram a vitória na tarde de hoje. Sejamos justos para com eles. É verdade que eles ocasionam para nós, para nós que vivemos dentro do futebol, para aqueles que vivem fora do futebol, a maior dor que um coração esportista brasileiro poderia sentir neste instante de amargura, quando esperávamos a festa, quando nos preparávamos para a alegria. Não chegamos para as lágrimas e as emoções doídas que nos tomam conta da alma, que nos colocam em desespero. Por que aquele prêmio a que o Brasil fez jus lhe fuge das mãos à última hora! E seus adversários o conquistam num desafio a tudo e a todos, vendendo todos os obstáculos, e agora se transformando em lágrimas, desesperados dentro da emoção da vitória, num contentamento transbordante que não era esperado, mas que foi traduzido por 90 minutos de futebol, onde se ganha uma partida, onde se fazem os gols. (SOARES 1994, p. 66).

A transcrição acima está presente em SOARES (1994) e PERDIGÃO (1986). Segundo Edileuza Soares, ao comentar este discurso de encerramento, Pedro Luiz lhe disse

<sup>10</sup> O estádio do Maracanã inicialmente recebeu o nome de Mendes de Moraes, homenagem ao então prefeito do então Distrito Federal, Ângelo Mendes de Moraes. Acabou sendo conhecido popularmente, no entanto, como Maracanã, referência a um rio que existia na proximidade do Estádio. Posteriormente, é que recebeu, oficialmente, o nome de Estádio Jornalista Mário Filho, em homenagem ao jornalista e diretor do Jornal dos Sports, que abriu campanha pela construção do estádio.

que o texto ‘foi totalmente de improviso, como reflexo dos acontecimentos. ‘Foi pensar em voz alta. Quando você pensa em voz alta, diz o que sente e transmite convicção’’. (SOARES, 1994, p. 67).

Certo é que o jogo final contra o Uruguai abriu um livro de areia borgeano na história do esporte brasileiro. As histórias, suspeitas, histórias suspeitas, lendas, e, especialmente, tentativas de explicação para a queda brasileira são intermináveis. Não seria exagero afirmar que a Copa de 1950 está entre aquelas sobre as quais mais se pesquisou e escreveu até hoje. Como destacou Sérgio Souto,

A memória da derrota de 50 é processo dinâmico em constante reelaboração que caminha, embora em via que guarda suas particularidades, com a releitura do projeto nacional. Embora sufocada pelas forças hoje predominantes, esse é um debate longe de ser esgotado [...] (SOUTO, 2001).

Além de tudo isso, a seleção brasileira, que jogara bem as partidas anteriores (excetuando-se o empate contra a Suíça) e era considerada favoritíssima pela crônica esportiva internacional, comemorou antecipadamente a glória de praticar o melhor futebol do mundo, mas foi derrotada em campo, de virada, pelo Uruguai no maior estádio do mundo – o Maracanã - construído especialmente para a conquista. Aliás, se o Maracanã calado pelo Uruguai é a imagem que entrou para a história, outra imagem certamente tão importante quanto essa e que prenunciava o Maracanã como um templo da alegria que o futebol é capaz de proporcionar foi a da torcida, na goleada contra a Espanha (6x1), cantando a marchinha carnavalesca “Touradas em Madri”, de João de Barro e Alberto Ribeiro, que fazia muito sucesso à época. Os espanhóis teriam ficado zonzos em campo com o barulho era ensurdecedor vindo das arquibancadas. (PERDIGÃO, 1986).

Mas a ferida aberta em 1950 foi tamanha e doeu tanto que o jornalista e escritor Nelson Rodrigues viu na derrota para o Uruguai mais um exemplo, um episódio do que ele chamou de ‘complexo de vira-latas’ de que sofre o brasileiro em relação ao resto do mundo, não apenas no futebol, mas em todos os setores. Em texto escrito às vésperas da copa do Mundo de 1958, Rodrigues recordava o maracanaço:

Eis a verdade, amigos: - desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou

dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse "arrancou" como poderia dizer: - "extraíu" de nós o título como se fosse um dente. E, hoje, se negamos o escore de 58, não tenhamos dúvidas: - é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: - o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: - se o Brasil vence na Suécia, e volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, reventaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício. (RODRIGUES,1993)

Em 1958, a seleção brasileira venceu na Suécia. Tornou-se, pela primeira vez, enfim, campeã do mundo. E o mundo – a Copa da Suécia foi a primeira a receber cobertura televisiva internacional<sup>11</sup> - encantou-se definitivamente com o futebol brasileiro, com as pernas tortas de Garrincha e a genialidade de um menino de 17 anos, chamado Pelé. O Brasil não foi parar no hospício. Mas, certamente, por alguns bons momentos, foi à loucura.

Na opinião de muitos cronistas esportivos, atletas e outros atores do mundo do futebol, a Copa de 1950, com todo seu tom de derrota e ‘tragédia’, parece ter legado ao Brasil essa quase obsessão pelo campeonato mundial de futebol. Naquele dia do ‘maracanaço’, nascia o Brasil de todas as Copas.

### **Considerações finais**

Nosso olhar sobre a Copa do Mundo de Futebol de 1950 partiu de uma suspeita bem específica: o campeonato mundial de futebol inaugurou novas práticas e circunstâncias para a midiaticização do futebol que, à época, já se estabelecia como um fenômeno cultural no País e também uma das paixões nacionais. A radiodifusão de partidas de futebol já era uma prática comum no Brasil e os profissionais que dela cuidavam já, de algum modo, estabeleciam uma linguagem própria, jargões, entonações e um conjunto de modos de fala bem peculiares das transmissões esportivas.

Tudo isso, porém, parece ter sido catalisado com a Copa do Mundo no Brasil - com o que ela verdadeiramente representava, mas também o que se desejava e imaginava que ela pudesse representar. A Copa de 1950 – e os desejos nacionais de um país moderno e vitorioso – muito mais do que contribuir para popularizar o futebol, fez também com que esse esporte deixasse, por exemplo, de ser praticamente desconhecido por alguns jornais

---

<sup>11</sup> Para o Brasil, a primeira transmissão pelo rádio foi em 1938 e, ao vivo, pela televisão, em 1970. A primeira transmissão em cores, no Brasil, foi em 1974

mais elitizados que circulavam nas principais capitais brasileiras. Nessa perspectiva, o processo de constituição de novos simpatizantes do futebol foi fortemente horizontalizado.

Por outro lado, a Copa e toda sua intensa história de envolvimento, delírio e decepção do torcedor brasileiro parece ter definitivamente agendado, no universo midiático brasileiro, e destaque-se aqui a mídia eletrônica massiva da época, o rádio, o futebol como poderoso elemento cultural, econômico, social e, por tudo isso, ideológico. Daí nosso entendimento de que a Copa de 1950 constituiu-se como marco dessa passagem do futebol como acontecimento essencialmente social para um acontecimento de natureza midiática. Depois de 1950, ficou impossível desconhecê-lo.

### Referências

- ABERT. Compêndio da história do rádio no Brasil, 2004. Disponível em <http://www.abert.org.br>
- AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2007.
- BBC Serviço Brasileiro de Rádio. **Áudio-documentário “O rádio no Brasil”**, 1988.
- HEIZER, Teixeira. Entrevista concedida ao autor em 27/02/2012
- HEIZER, Teixeira. **Maracanazo**. Rio de Janeiro, Mauad, 2010
- KATZ, Elihu. Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa, Vega, 1993.
- NETO, Geneton Moraes. **Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre, L & PM Editores, 1986.
- PIRES, Ana Maria. **Minha gente: Luiz Mendes, o mestre da crônica esportiva do Brasil**. Rio de Janeiro, 7Letras, 2010.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p.51-52.
- SOARES, Edileuza. **A bola no ar**. São Paulo: Summus, 1994.
- SOUTO, Sérgio Montero. A construção da memória da Copa de 50. Disponível em [www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/arquivos/np02.htm#np2souto](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/arquivos/np02.htm#np2souto).